A produção de multipolaridades territoriais na Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório (Aquirrio) no Pantanal Sul-Mato-Grossense

DOI: 10.54446/bcg.v12i1.2836

João Batista Alves de Souza[1]

Resumo

O artigo tem a perspectiva de analisar a produção de multipolaridades territoriais na Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório (AQUIRRIO) do município de Corumbá – MS. Através da análise dos eventos estabelecidos na produção espacial, procura-se compreender o processo de resistência dessa comunidade quilombola. Foram mapeadas as trajetórias e trajetos das famílias quilombolas entre o território tradicionalmente ocupado na década de 1980, e os bairros e assentamentos ocupados pelos quilombolas ao longo das últimas quatro décadas na luta pelo direito a terra. As análises se pautaram em dados da Fundação Cultural Palmares (FCP), do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), além de dados secundários e primários obtidos através das seguintes intervenções: revisão bibliográfica, pesquisa de campo e entrevistas na comunidade quilombola AQUIRRIO. Os resultados apontaram que a multipolaridade territorial gerou novas trajetórias quilombolas e esse processo está pautado na articulação entre os núcleos familiares que lutam pelo direito à terra.

PALAVRAS-CHAVE: comunidade quilombola, ribeirinhos, multipolaridade territorial, Pantanal Sul-Mato-Grossense.

1 Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), mestre e doutor, também em Geografia, pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é professor do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS), campus Ponta Porã, e realiza estágio pós-doutoral na Universidade de Brasília (UnB).

E-mail: joao.batista@ifms.edu.br ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5073-3534

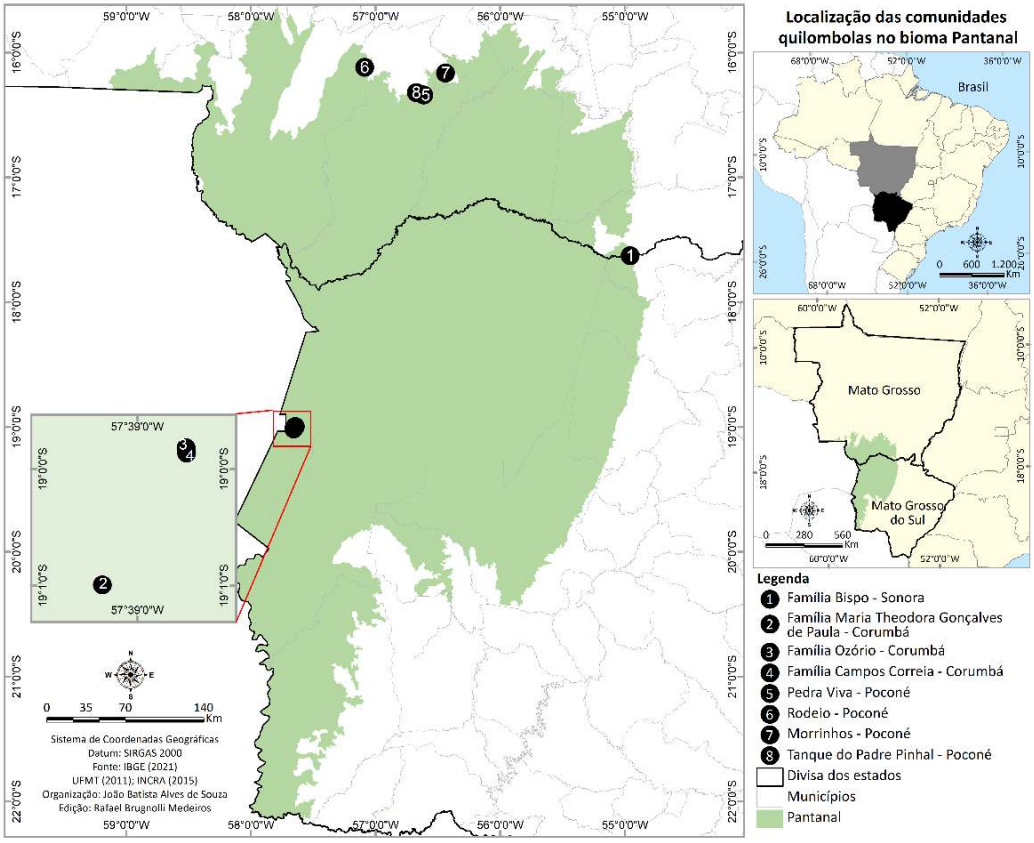
Introdução

Este artigo apresenta resultados da tese de doutorado intitulada "Existir e Resistir: as geografias das comunidades quilombolas no município de Corumbá – MS". Tal pesquisa está baseada na análise das trajetórias e formas de resistência que ocorrem nos diferentes lugares dos existires das comunidades quilombolas no município de Corumbá-MS, no Pantanal Sul-Mato-Grossense.

O recorte geográfico delimitado da área de estudo desta pesquisa representa a trajetória e resistência da Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório (AQUIRRIO), localizada na sub-região Paraguai do bioma Pantanal. A título de esclarecimento, apesar do Pantanal abranger o território paraguaio, a sub-região Paraguai do Pantanal situa-se no oeste do Pantanal e agrega área dos municípios de Poconé, no MT, e de Corumbá e Ladário, no Mato Grosso do Sul. A classificação leva em consideração critérios geomorfológico, hidrológico e fluviomorfológico e a presença de um trecho de percurso do Rio Paraguai.

De acordo com dados da Fundação Cultural Palmares (FCP) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), no estado do Mato Grosso existem 72 comunidades quilombolas distribuídas por 21 municípios, enquanto no estado de Mato Grosso do Sul o número de comunidades quilombolas certificadas pelas FCP chega a 22, localizadas em 15 municípios. Dessas comunidades quilombolas existentes, identificamos 8 delas no bioma Pantanal, conforme observado na Figura 1.

Figura 1. Área de Estudo



Fonte: SOUZA, J.B.A; MEDEIROS, R.B.2022.

De acordo com Held (2018), no estado de Mato Grosso, das setenta e duas comunidades quilombolas, somente três possuíam apreciação procedimental no INCRA, ou seja, embora esses territórios quilombolas detenham a certidão emitida pela Fundação Palmares, não dispõem da titulação de suas terras.

A área de estudo é caracterizada por meio da representação cartográfica da comunidade quilombola. Utilizando trabalho de campo, captação de imagens e coleta das coordenadas geográficas, foi possível produzir a cartografia da comunidades quilombola AQUIRRIO, apresentando a localização, as trajetórias das famílias quilombolas, os territórios tradicionalmente ocupados, as moradias, os locais de trabalho, a localização da comunidade e a produção da multipolaridade territorial da comunidade pesquisada.

Foi realizado o mapeamento das comunidades quilombolas de Corumbá por meio de visita técnica, captação de imagens e inserção dos dados no *Google Maps*[2] e na plataforma geoquilombolas, com autorização e consentimento das lideranças das comunidades sob estudo.

Por meio de um Sistema de Posicionamento Global (GPS), foram coletados pontos com as coordenadas geográficas em visita à Comunidade Quilombola Família

2 Trata-se de um serviço de pesquisa e visualização de mapas e imagens de satélite da Terra gratuito na web, fornecido e desenvolvido pela empresa estadunidense *Google*.

Ozório. Esses pontos foram extraídos do GPS e espacializados no programa ArcGIS[3] 10.6. Utilizamos as bases de mapeamento das unidades territoriais do Brasil e de Mato Grosso do Sul elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A base hidrográfica utilizada foi a da Agência Nacional de Águas (ANA) para representação do Rio Paraguai no Bioma Pantanal.

Com o banco de dados atualizado, produzimos os mapas de localização das três comunidades quilombolas de Corumbá – MS, além de espacializar as comunidades quilombolas do Pantanal, por último, identificamos a Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório, delimitando a área de estudo. Os trabalhos foram realizados no Laboratório de Geoprocessamento da UFGD (LABGEO), que detém a licença de uso do *software* ArcGIS (ESRI, 2018). A pesquisa foi cadastrada no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado[4] (SisGen).

As trajetórias dos núcleos familiares quilombolas da AQUIRRIO

A trajetória da Comunidade Quilombola Família Ozório é marcada por fluxos e deslocamentos ao longo de mais de meio século. Desde a saída da família, na década de 1960, de Coxim-MS, passando por diferentes lugares e rios do Pantanal, até se fixar, no início da década de 1980, no território tradicionalmente ocupado por Miguel Ozório.

Após a fixação da família ribeirinha no bairro Borroswky e o aumento demográfico da família Ozório, o pequeno espaço disponível para a plantação e criação de animais não era suficiente para a sobrevivência dos descendentes de Miguel Ozório. Nos primeiros anos da década de 1990, os membros dessa comunidade continuaram os deslocamentos até a Ilha do Pescador para o plantio de uma pequena roça.

Segmentamos o período de deslocamentos da família Ozório em duas etapas: a primeira se iniciou na década de 1960, com a trajetória do casal Ozório pelos Rios Taquari e Paraguai, onde viveram no Porto São Pedro, Ilha de Chané e Ilha do Pescador até 1981. Em meados da década de 1980, a família se estabeleceu em uma área periurbana de Corumbá, onde sobrevivia da pesca e agricultura familiar, conforme figura 2.

A segunda etapa se iniciou nos anos 2000, com o aumento populacional dos núcleos familiares, que desencadeou o deslocamento para outros bairros de Corumbá. Em seguida, na década de 2010, houve a fundação da Associação da Comunidade Quilombola Família Ozório (AQUIRRIO), acompanhada de uma série de

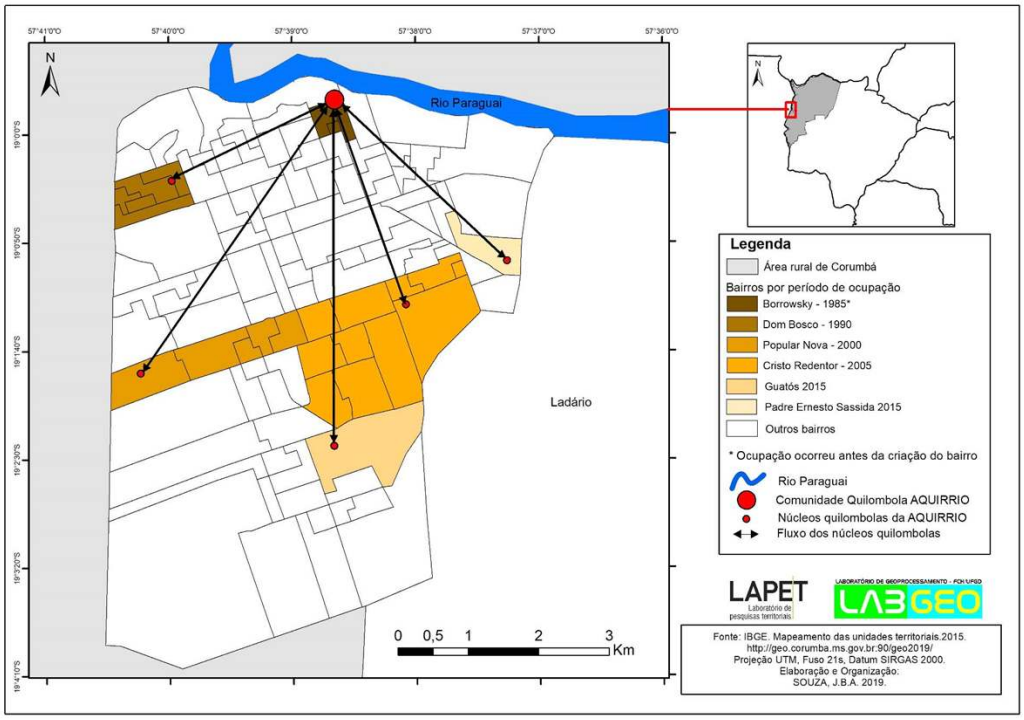
3 É um sistema de informação geográfica que permite utilizar, criar e compartilhar mapas, camadas, analíticos e dados.

4 Conforme a Lei n.º 13.123/2015: "Todo pesquisador que, para execução de sua pesquisa, realiza acesso ao patrimônio genético e/ou conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, deve obrigatoriamente realizar o cadastro da pesquisa no SisGen" (BRASIL, 2015).

dificuldades no deslocamento até a Ilha do Pescador. Os núcleos familiares da comunidade iniciaram uma nova trajetória de sobrevivência e luta pela terra.

No mapa da figura 2, representamos os fluxos dos núcleos quilombolas entre o território tradicionalmente ocupado e os bairros Dom Bosco, Popular Nova, Cristo Redentor, Guatós e Padre Ernesto Sassida. Em seguida, avaliaremos a dinâmica do ciclo de cheias do Rio Paraguai, que ocasionou os deslocamentos entre a comunidade e os Assentamentos Paiolzinho e Tamarineiro II.

Figura 2. Representação da multipolaridade territorial na Comunidade Quilombola Família Ozório



Fonte: elaborada e organizada pelo autor com base em IBGE, 2019.

Representamos na figura 2 a sede da comunidade ribeirinha Família Ozório e, durante o período de vivência na comunidade, aferimos que dos 22 filhos de Miguel Ozório, sete deles foram obrigados a deixar o território tradicionalmente ocupado após constituírem família e se instalaram nos núcleos nos bairros Cristo Redentor, Dom Bosco, Guatós, Padre Ernesto Sassida e Popular Nova.

Esses núcleos familiares migraram no sentido leste e oeste de Corumbá, em direção a Ladário e saída para a Bolívia. Em pelo menos três bairros constatamos a existência de conjuntos habitacionais formados a partir da década de 1990, que foi a oportunidade dessas famílias serem contempladas com suas moradias.

A respeito do fluxo dos núcleos familiares quilombolas entre os seus bairros de origem e o território tradicionalmente ocupado, verificamos que dois núcleos familiares realizam deslocamentos diários entre os bairros Padre Ernesto Sassida e Popular Nova até o bairro Borroswky.

No quadro 1, podemos observar que o ciclo migratório dessas famílias quilombolas ocorreu entre as décadas de 1990 e 2010. De acordo com os relatos de Jorge Ozório, o pequeno espaço de 5,8365 ha não era suficiente para a sobrevivência dos descentes de Miguel Ozório. Outro fator determinante para a saída dessas famílias diz respeito ao ciclo de cheias do Rio Paraguai, que provoca inundações em pelo menos 60% do território tradicionalmente ocupado. Diante dessa dinâmica de inundações e sem o acesso à terra para o plantio e subsistência, essas pessoas foram forçadas a morar em outros bairros de Corumbá.

Quadro 1. Localização dos núcleos familiares e respectivos bairros

Bairro	Núcleo Familiar	Década
Cristo Redentor	Maria Tereza Rodrigues Ozório	2000
Dom Bosco	Divino Rodrigues Ozório	1990
Guatós	Aldo Amado Rodrigues Ozório	2010
Guatós	Eurico Rodrigues Ozório	2010
Padre Ernesto Sassida	Aparecida Rodrigues Ozório	2010
Popular Nova	Claudiomiro Rodrigues da Silva	2000
Popular Nova	Ruberval Rodrigues Ozório	2000

Fonte: elaborado pelo autor com base no Questionário Socioeconômico. 2020

Nos bairros Dom Bosco e Popular Nova, identificamos núcleos familiares da Comunidade Quilombola Família Ozório sendo que os deslocamentos dos núcleos familiares da comunidade ocorreram a partir das décadas de 1990 e 2000. Nos bairros Guatós e Padre Ernesto Sassida o deslocamento dos núcleos familiares da AQUIRRIO, aconteceu na década de 2010, conforme o Quadro 1.

Os deslocamentos que ocorreram para os bairros Popular Nova, Guatós e Padre Ernesto Sassida estão diretamente ligados à criação de conjuntos habitacionais nesses bairros. Conforme Pereira (2007), no bairro Popular Nova foram construídas 176 moradias no Núcleo Habitacional Cidade Branca, no ano de 1968. Já em 2004, foram construídas mais 40 moradias no Conjunto Habitacional Jatobá. A época da criação dos conjuntos habitacionais corrobora o período de deslocamentos das famílias quilombolas para esses bairros.

Com os deslocamentos dos núcleos familiares da Comunidade Família Ozório do bairro Borrowsky para os bairros Cristo Redentor, Dom Bosco, Popular Nova, Guatós e Padre Ernesto Sassida, percebemos uma articulação entre os espaços descontínuos, ou seja, apesar de estarem morando em bairros distantes do território tradicionalmente ocupado, os núcleos familiares mantêm fluxos diários entre esses lugares, para as atividades agrícolas, semanais para visitas aos familiares e mensais para participarem de reuniões, comemorações e festividades religiosas.

Os deslocamentos e trajetos na luta pela terra na AQUIRRIO

Em consequência das recorrentes inundações do território tradicionalmente ocupado, causadas pelo ciclo de cheias do Rio Paraguai (figuras 3 e 5), o cultivo da

horta passou a ser realizado em alternância de territórios, ou seja, no território tradicionalmente ocupado, no bairro Borroswky e no Assentamento Paiolzinho e, posteriormente, no Assentamento Tamarineiro II.

No transcorrer do período de inundação do território tradicionalmente ocupado, ocorre um segundo estágio de deslocamentos, que são ao mesmo tempo intermitentes e descontínuos. Primeiro, porque não há um tempo definido para as famílias permanecerem na área rural, nos lotes arrendados e cedidos nos assentamentos. Segundo, porque não existe uma estabilidade em relação à fixação das hortas e plantações nos lotes, o que gera uma insegurança alimentar e econômica para famílias quilombolas.

Consideramos que os deslocamentos entre o território tradicionalmente ocupado, no bairro Borroswky, e os bairros Cristo Redentor, Dom Bosco, Popular Nova, Guatós e Padre Ernesto Sassida, seguido dos deslocamentos entre a comunidade e os Assentamentos Paiolzinho e Tamarineiro II, configuram-se em uma estratégia de sobrevivência dos núcleos familiares, o que chamamos de multipolaridade territorial quilombola.

Para Nasuti, Eloy e Tourneau (2013), a multiterritorialidade pode se articular em "espaços descontínuos, rurais e urbanos". Escapando do êxodo rural, esses núcleos familiares quilombolas alternam suas atividades entre o meio rural e urbano em períodos regulares.

> La plupart des habitants de ces terres quilombolas appartiennent donc à des **systèmes résidentiels multipolaires**, articulant des espaces discontinus, ruraux et urbains, parcourus à des fréquences variables, mais régulières. Cette flexibilité dans l'usage des espaces permet de construire différentes stratégies pour compenser la faible valorisation économique des activités agro-extractivistes. Au lieu de s'engager dans un processus d'exode rural, les habitants cherchent à tirer parti des ressources disponibles dans différents espaces[5] (NASUTI; ELOY; TOURNEAU, 2013, p. 333, grifo nosso)

Concordamos com os autores no sentido de que o território multipolar é constituído de sistemas residencial multipolar, no caso das comunidades quilombolas de Corumbá. Ele é produzido através dos seus percursos, trajetórias e vivências desses grupos familiares, em espaços interpolados e é descontínuo na própria área urbana. Todavia, as sedes das comunidades são concentradas em espaços únicos, nos territórios tradicionalmente ocupados.

5 "A maioria dos habitantes dessas terras quilombolas pertence a **sistemas residenciais multipolares**, articulando espaços descontínuos, rurais e urbanos, viajou em frequências variáveis, mas regulares. Essa flexibilidade no uso dos espaços possibilita a construção de diferentes estratégias compensar a baixa valoração econômica das atividades agroextrativistas. Em vez de se envolverem em um processo de êxodo rural, os habitantes procuram atrair uso de recursos disponíveis em diferentes espaços" (NASUTI; ELOY; TOURNEAU, 2013, p. 333, tradução nossa).

Nesse aspecto, encontramos correlações entre as comunidades quilombolas da Amazônia e as do Pantanal.

> Ces **systèmes de règles et de flux** transforment les **espaces multipolaires** em territoires multisitués. Ils régissent la mobilité des membres des communautés quilombolas en dehors des territoires bornés qui leur ont été confiés et préviennent les communautés du Trombetas de l'isolement et de l'exode rural. Ces territoires se construisent en compensation du décalage entre les territoires octroyés aux populations traditionnelles, délimités selon un postulat de résidences uniques et fixes, et l'extension spatiale de leurs logiques socio-économiques[6] (NASUTI; ELOY; TOURNEAU, 2013, p. 335, grifo nosso).

Os sistemas de fluxos apontados por Nasuti, Eloy e Tourneau (2013), que acabam transformando os espaços multipolares em territórios com vários locais, podem ser encontrados nas comunidades quilombolas de Corumbá. Na Comunidade Quilombola Família Ozório, identificamos os espaços multipolares de sobrevivência: o primeiro espaço na Gleba I, onde está localizada a sede da comunidade e o aglomerado de moradias no território tradicionalmente ocupado; no território reivindicado na Gleba II, também conhecida como Ilha do Pescador ou Ilha Cumprida; por último, identificamos os vários locais de sobrevivência que se alternam entre plantações agrícolas na Gleba I e os lotes n.º 48 e 75 cedidos nos Assentamentos Rurais Paiolzinho e Tamarineiro II.

Esses espaços multipolares de sobrevivência envolvem as Relações E-P-C da Comunidade Família Ozório. Nas Glebas I e II, por estarem estrategicamente situadas nas margens do Rio Paraguai, geralmente ocorriam atividades produtivas ligadas a pesca artesanal e agricultura familiar.

Por sua vez, nos Assentamentos Paiolzinho e Tamarineiro II, os núcleos familiares quilombolas passaram a cultivar a agricultura familiar em lugares mais adequados para isso, sem os prejuízos no período de inundações. Porém, esses deslocamentos levaram à diminuição considerável da pesca artesanal nessa comunidade ribeirinha, visto que as áreas de assentamentos estão distantes do Rio Paraguai.

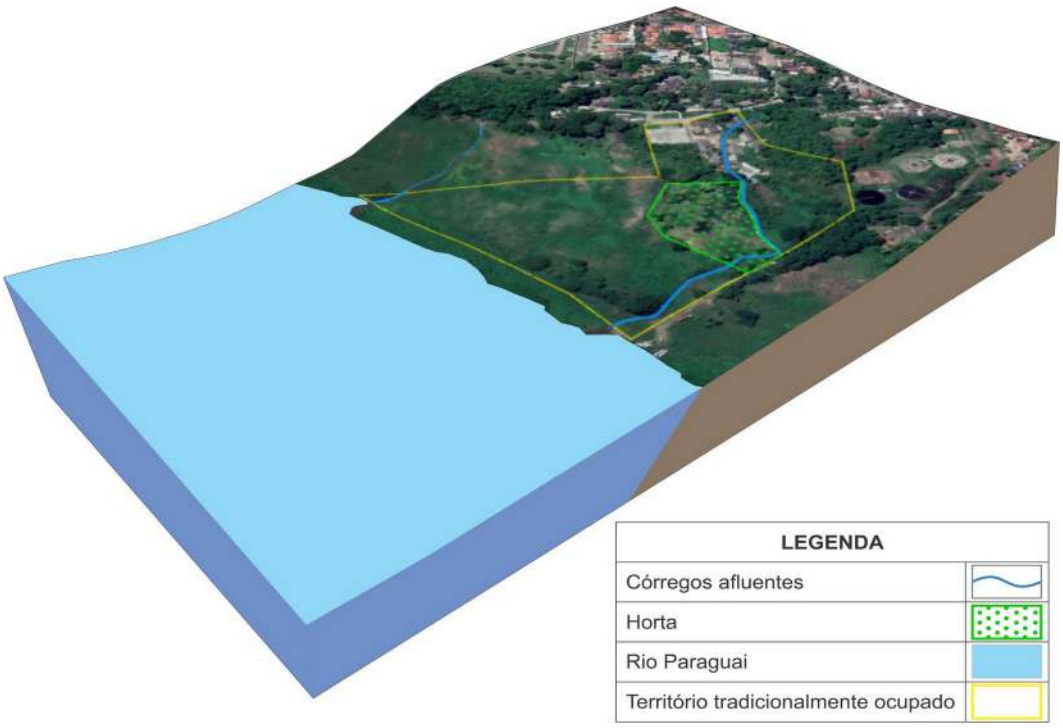
Durante o período de vivência na Comunidade Quilombola Família Ozório e levando em consideração os relatos e depoimentos dos moradores, aferimos que o principal fator que levou a articulação entre os "espaços descontínuos, rurais e

6 "Essas regras e sistemas de fluxo transformam espaços multipolares em territórios com vários locais. Eles governam a mobilidade dos membros das comunidades quilombolas fora dos territórios limitados que lhes são confiados e alertam as comunidades trombetas de isolamento e êxodo rural. Esses territórios estão sendo construídos em compensação pela diferença entre os territórios concedidos às populações tradicionais, delimitada de acordo com um postulado de residências únicas e fixas, e a extensão espacial de suas lógicas socioeconômicas (NASUTI; ELOY; TOURNEAU, 2013, p. 335, tradução nossa).

urbanos" na comunidade foi o ciclo de cheias do Rio Paraguai, um período de três meses de inundação do território que interfere diretamente na produção agrícola.

As figuras 3 e 5 permitem visualizar a dinâmica de inundação do território tradicionalmente ocupado pela família Ozório e, consequentemente, o principal fator do deslocamento entre a comunidade e os lotes n.º 48 e 75 nos assentamentos rurais.

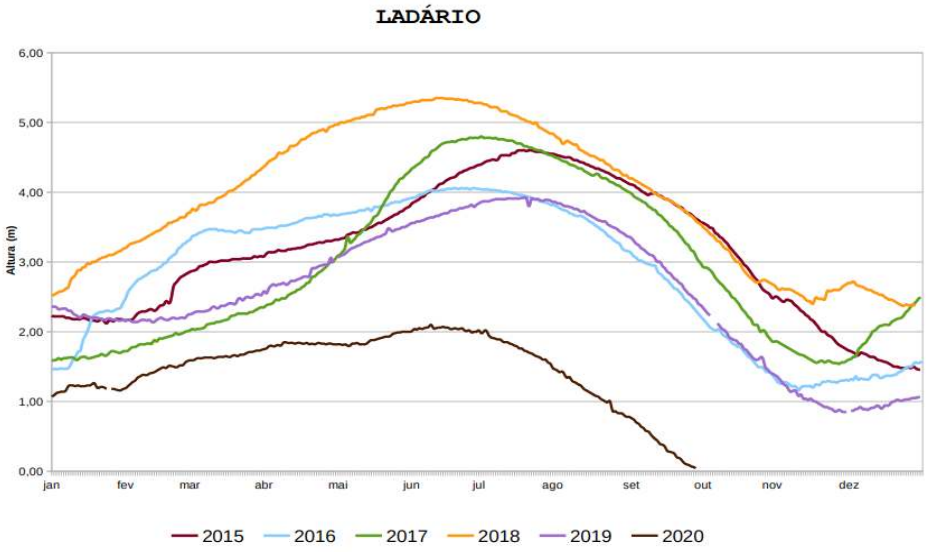
Figura 3. Representação do período de vazante do Rio Paraguai na AQUIRRIO



Fonte: produzido por Nogueira (2020a)

Na figura 3, é possível observar o território tradicionalmente ocupado pela família Ozório, a área de cultivo da horta, o Rio Paraguai e um de seus afluentes no período de vazante. O esquema demonstrado corresponde ao ciclo de vazante do Rio Paraguai entre os meses de novembro e dezembro de 2019, período em que realizamos a segunda etapa do trabalho de campo e vivência na Comunidade Família Ozório. Conforme podemos verificar no gráfico da figura 4, o período de vazante naquele ano apresentou valores de nível d'água significativamente abaixo da média dos últimos quatro anos.

Figura 4. Gráfico da altura do Rio Paraguai (2015–2020)[7]



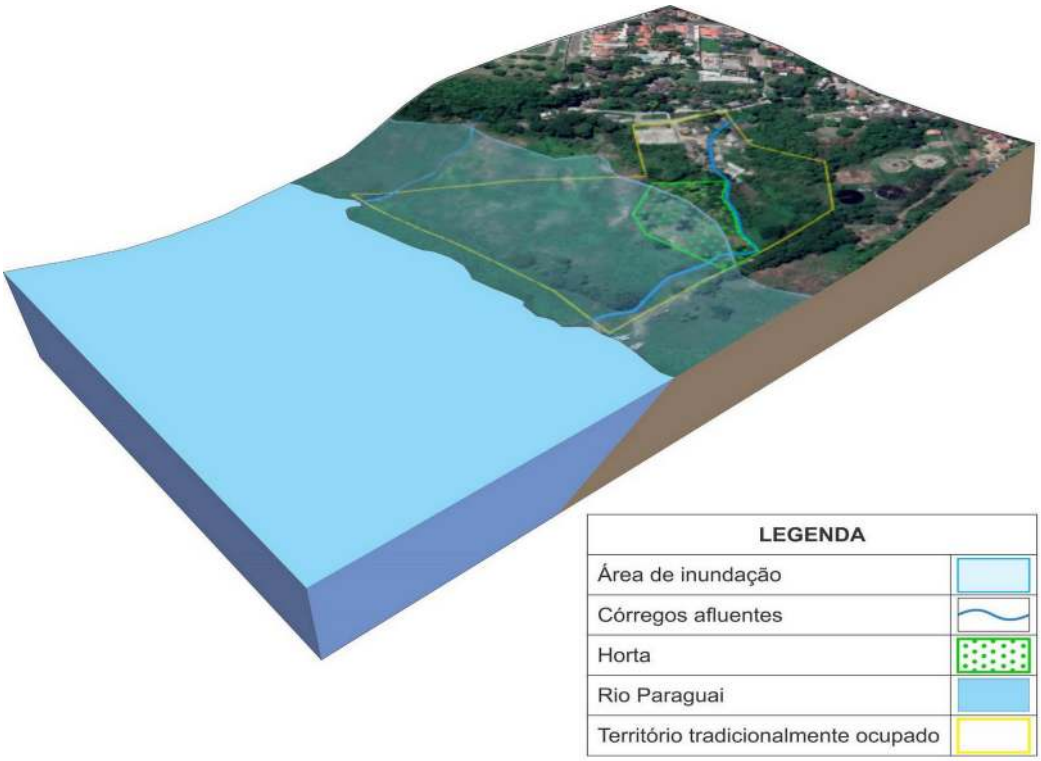
Fonte: Marinha do Brasil (2020).

Verificamos na figura 4 que, durante a vazante ocorrida em 2019/2020, o nível do Rio chegou a atingir apenas 1 m de altura. Com isso, a produção agrícola da comunidade não foi tão atingida com as inundações recorrentes dos últimos 30 anos. Se compararmos aos anos anteriores, mesmo no período de vazante, o nível do Rio Paraguai chegou a atingir três metros de altura.

Conforme representado na figura 4, entre os meses de abril e outubro de 2018, o nível do Rio Paraguai oscilou entre quatro metros e 5,20 cm de altura, de acordo com dados da régua de Ladário. Nesse período, cerca de 80% da horta da comunidade ficou inundada, obrigando a maioria dos quilombolas a deslocar sua produção para outro território.

7 Referente ao ciclo de cheias, altura do nível do Rio Paraguai. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/chn-6/?q=graficoAlturaRios. Acesso em: 11 nov. 2020Em relação as vazantes do rio Paraguai. Disponível em: http://www.cprm.gov.br/publique/Noticias/Servico-Geologico-do-Brasil-divulga-prognostico-sobre-a-vazante-do-rio-Paraguai-em-2020-6307.html?UserActiveTemplate=cprm. Acesso em: 11 nov. 2020

Figura 5. Representação do período de inundações do Rio Paraguai na AQUIRRIO.



Fonte: produzido por Nogueira (2020b).

De acordo com a figura 5, que representa o período de inundações no território tradicionalmente ocupado, em consonância com os relatos de Jorge Ozório, inferimos que o ciclo de cheias do Rio Paraguai e as inundações marcaram a trajetória da família Ozório, desde a Ilha de Chané, Porto São Pedro, Ilha do Pescador e, por último, no território tradicionalmente ocupado.

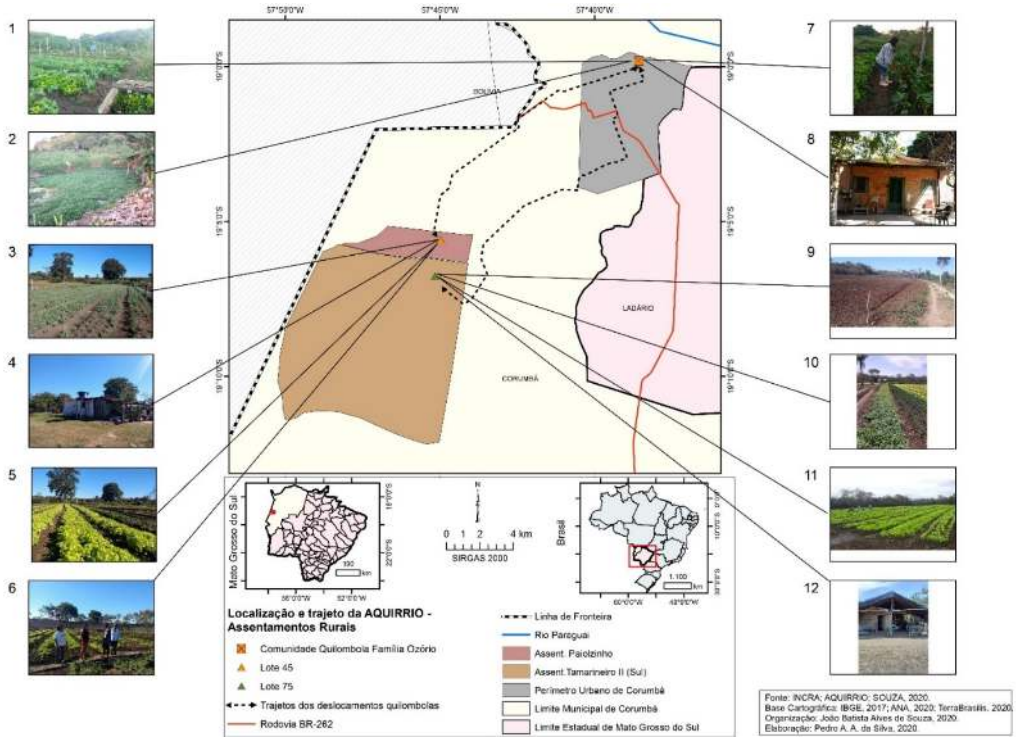
A Comunidade Quilombola Família Ozório recebeu a certidão de autodefinição emitida pela Fundação Cultural Palmares (FCP) em 6 de janeiro de 2010 e portaria publicada no D.O.U, em 06 de junho de 2010. Em relação a titulação das terras da comunidade Família Ozório, salientamos que Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), uma das fases obrigatórias para a titulação do território junto ao INCRA está paralisado desde 2013.

Enquanto a Comunidade Ribeirinha Família Ozório espera há uma década pela titulação definitiva de suas terras no território tradicionalmente ocupado e áreas reivindicadas, a estratégia de sobrevivência e resistência foi estabelecer o plantio e cultivo da horta em uma área de assentamento rural cedida por um amigo da família Ozório.

Segundo os quilombolas, essa transição forçada da horta de um lote para o outro entre assentamentos diferentes alterou o cotidiano do núcleo familiar, além de gerar apreensão e insegurança no que se refere a moradia do casal de idosos que residiam no lote n.º 45.

No mapa da figura 6, visualizamos o trajeto entre a Comunidade Família Ozório e os Assentamentos Rurais Paiolzinho (2014-2019) e Tamarineiro (2019-2020). Na figura 6, as imagens 1, 2, 7 e 8, mostram a horta cultivada no território tradicionalmente ocupado desde 1985. Nas imagens 3, 4, 5 e 6 verificamos a área cultivada no Assentamento Paiolzinho e, por último, nas imagens 9, 10, 11 e 12 notamos a área cultivada no Assentamento Tamarineiro II, a partir de dezembro de 2019.

Figura 6. Trajeto de deslocamentos entre a comunidade e os Assentamentos Rurais



Fonte: elaborada e organizada por Souza e Silva (2020) com base em INCRA; AQUIRRIO (2020).

Os trajetos diários apontados na figura 6 rementem as trajetórias da família Ozório pelo Rio Paraguai, ilhas e fazendas do Pantanal. Além disso, temos os fluxos entre o território tradicionalmente ocupado e os bairros Cristo Redentor, Dom Bosco, Guatós, Padre Ernesto Sassida e Popular Nova. Credenciamos essa dinâmica de trajetórias, fluxos e deslocamentos ao processo de multipolaridade territorial quilombola, ou seja, a ausência de um território para abrigar todos os núcleos familiares, falta de terra para a agricultura familiar, inundação do território tradicionalmente ocupado no período de cheias do Rio Paraguai e inexistência de políticas públicas que atendessem a essas demandas.

Diante do exposto, a produção das multipolaridades ou territórios plurais na Ilha do Pescador, nos bairros da cidade de Corumbá e nos assentamentos rurais são a principal resistência dessa comunidade quilombola, que através de outros lugares, reinventou seu território, não como lugares fragmentados, pelo contrário, em cada bairro, ilha fluvial e cada lote do assentamento, onde um núcleo familiar quilombola reside, resistem ali suas relações de resistência, sobretudo a territorialidade quilombola sendo reproduzida para além do território tradicionalmente ocupado.

Considerações finais

Até o momento de finalização deste trabalho, acompanhamos as tratativas entre a comunidade quilombola Família Ozório na luta pela terra e o poder público. No segundo semestre de 2019, a família Ozório encaminhou ao MPF o requerimento enviado ao INCRA no qual solicitava cedência de uma área para a manutenção de sua atividade tradicional de produção de hortaliças. A área pleiteada, Agrovila 3 do P.A. Taquaral, foi doada pelo INCRA à Prefeitura Municipal de Corumbá em 1998, e encontra-se sem destinação e sem uso há mais de 20 anos.

Apesar de alguns avanços ocorridos no segundo semestre de 2019 e no decorrer de 2020, com a realização de duas reuniões que envolveram a visita do prefeito de Corumbá à Comunidade Quilombola Família Ozório, meses depois, o gestor municipal recebeu a presidente da AQUIRRIO e demais lideranças da comunidade quilombola, já com a presença da Procuradora da República de Corumbá, para tratativas acerca da cedência de uma área de compensação territorial na Agrovila 03. Todavia, desconhecemos os desdobramentos dessa proposta cedência.

Os núcleos familiares quilombolas não possuem o acesso à terra em definitivo, e acabam dependendo de arrendamentos de terras em áreas não quilombolas para o cultivo da horta em um curto período, durante o ciclo de cheias do Rio Paraguai, na última década eles foram despejados desses lotes antes de terminar o contrato de arrendamento.

Ademais, os núcleos familiares da Comunidade Quilombola Ribeirinha Família Ozório se preparam para se livrar dos despejos dos lotes dos arrendados, que causavam instabilidade e insegurança no cultivo da agricultura familiar e estão cultivando as hortaliças, a partir de 2022 apenas no território tradicionalmente ocupado.

A área de compensação irá sanar outra problemática enfrentada por essa comunidade no período de cheias do Rio Paraguai, que inunda praticamente 80% do território tradicionalmente ocupado, o que possibilitará a construção de moradias para seus membros.

Procuramos entender a complexidade dos processos de multipolaridades territoriais da comunidade quilombola ribeirinha AQUIRRIO. Nessa etapa, elaboramos o mapeamento dos fluxos e trajetos dos núcleos familiares quilombolas entre vários bairros da cidade e o território tradicionalmente ocupado. Por intermédio dos esquemas que representam as multipolaridades territoriais quilombolas, é possível compreender as estratégias de resistências e sobrevivências dessas comunidades. Ao longo dos últimos anos, essas técnicas não solucionaram os maiores entraves enfrentados pela comunidade: o acesso à terra e o direito de produzir no seu próprio território.

Nessa perspectiva, por meio das trajetórias, trajetos, e deslocamentos das comunidades quilombolas é que assenta a centralidade da questão. Nesses movimentos, identificamos que a ideia de multipolaridade consegue ajudar na

compreensão do processo de territorialização da comunidade sob estudo. O processo de multipolaridade como estratégia de resistência permitiu aos núcleos familiares quilombolas condições de sobrevivência no decorrer das últimas quatro décadas. Contudo, não resolveu a problemática que envolve a posse da terra e a morosidade do Estado na titulação dos territórios tradicionalmente ocupados.

Percebemos, ainda, que a multipolaridade territorial gerou novas trajetórias quilombolas e esse processo está pautado na articulação entre as família quilombolas da AQUIRRIO, o que acaba gerando maior solidariedade entre os núcleos quilombolas e fortalecendo suas lutas no direito à terra. Cabe destacar que, até o momento de finalização desta pesquisa, acompanhamos as novas trajetórias e a multipolaridade quilombola na luta pelo acesso à terra, seja nos territórios tradicionalmente ocupados pelas famílias quilombolas ou as áreas de compensação ao território reivindicadas ao INCRA.

Bibliografia

BRASIL. Marinha do Brasil. *Referente ao ciclo de cheias, altura do nível do Rio Paraguai.* Larário: Centro de Hidrografia e Navegação do Oeste, 2020. Disponível em: https://www.marinha.mil.br/chn6/?q=graficoAlturaRios Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. *Lei n.º 13.123*, de 20 de maio de 2015. Dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória n.º 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2015.

CORUMBÁ. Prefeitura Municipal de Corumbá. *Censo Quilombola Municipal*. Corumbá, MS: Secretaria Especial de Cidadania e Direitos Humanos, 2017.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Portaria n.º 98, de 26 de novembro de 2007*. Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres, para efeito do regulamento que dispõe o Decreto n.º 4.887/03. *Diário Oficial da União*: seção I, Brasília, DF, n. 228, p. 29, 28 nov. 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. *Site oficial*. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/ Acesso em: 20 set. 2021.

HELD, T. M. R. *Mata Cavalo – a violação do direito humano ao território quilombola.* São Paulo, SP: LiberArs, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. *Relatório Técnico de Identificação e Delimitação da Família Ozório*. Brasília, DF: INCRA, 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA *Acervo fundiário*. Disponível em: http://acervofundiario.incra.gov.br/acervo/acv.php. Acesso em: 20 set. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA *Certificação. Camada: shapefile das Áreas de Quilombolas SRID: 4674.* Disponível em: http://certificacao.incra.gov.br/csv_shp/zip/%C3%81reas%20de%20Quilombolas_MS.zip. Acesso em: 2 dez. 2021.

NASUTI, S.; ELOY, L.; TOURNEAU, F. M. L. *La construction des territoires mulit-situés en Amazonie. Le cas des Quilombolas du Trombetas (Pará, Brésil).* Espace Géographique, v. 2013/4, p. 324-339, 2013.

NASUTI, S.; ELOY, L.; TOURNEAU, F. M. L.; TRITSCH, I. *Entre urbanização e regularização fundiária: uma geografia dos novos modos de vida quilombolas de Oriximiná.* In: GRUPIONI, D. F.; ANDRADE, L. M. M. de. (orgs.). Entre Águas Bravas e Mansas, índios e quilombolas em Oriximiná. São Paulo, SP: Comissão Pró-Índio de São Paulo Iepé, 2015. p. 210-223.

NOGUEIRA, D. H. O. *Representação do período de vazante do Rio Paraguai na AQUIRRIO*. Imagem. 2020a.

NOGUEIRA, D. H. O. *Representação do período de inundações do Rio Paraguai na AQUIRRIO*. Imagem. 2020b.

PEREIRA, J. G. *O patrimônio ambiental urbano de Corumbá-MS: identidade e planejamento*. 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde12022008-104218/en.php>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SOUZA,J.B.; SILVA, P.A.A. *Trajeto de deslocamentos entre a comunidade e os Assentamentos Rurais* Mapeamento das unidades territoriais, 2015. IBGE 2017. Projeção, UTM, Fuso 21s, Datum SIRGAS, 2020.

SOUZA, João Batista Alves de. *Existir e resistir: as geografias das comunidades quilombolas no município de Corumbá-MS.* 2021. 387 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

The production of territorial multipolarities in the Community Quilombola Ribeirinha Familia Ozório in the South-Mato-Grossense Pantanal

The article has the perspective of analyze the production of territorial multipolarities in the Community Quilombola Ribeirinha Família Ozório (AQUIRRIO) in the municipality of Corumbá - MS. Through analysis of the events established in the spatial production, we seek to understand the resistance process of this quilombola community. Were mapped the trajectories and paths of quilombola families between the territory traditionally occupied in the 1980s, and the neighborhoods and settlements occupied by the quilombolas over the last four decades in the struggle for the right to land. The analyzes were based on data from the Palmares Cultural Foundation (FCP), the National Institute for Colonization and Agrarian Reform (INCRA), in addition to secondary and primary data obtained through the following interventions: bibliographic review, field research and interviews with quilombola community AQUIRRIO. The results showed that the territorial multipolarity generated new quilombola trajectories and this process based in the articulation between the family nuclei that fight for the right to land.

KEYWORDS: quilombola community, ribeirinhos, territorial multipolarity, Pantanal Sul-Mato-Grossense

La producción de multipolaridades territoriales en Comunidad Quilombola Ribeirinha Família Ozório em el Pantanal Sur-Mato-Grossense

El artículo tiene la perspectiva de analizar la producción de multipolaridades territoriales en la Comunidad Quilombola Ribeirinha Família Ozório (AQUIRRIO) en el municipio de Corumbá - MS. A través del análisis de los eventos establecidos en la producción espacial, buscamos comprender el proceso de resistencia de esta comunidad quilombola. Fueron mapeadas las trayectorias y caminos de las familias quilombolas entre el territorio tradicionalmente ocupado en la década de 1980, y los barrios y asentamientos ocupados por los quilombolas durante las últimas cuatro décadas en la lucha por el derecho a la tierra. Los análisis se basaron en datos de la Fundación Cultural Palmares (FCP), el Instituto Nacional de Colonización y Reforma Agraria (INCRA), además de datos secundarios y primarios obtenidos a través de las siguientes intervenciones: revisión bibliográfica, investigación de campo y entrevistas en la comunidad quilombola AQUIRRIO. Los resultados mostraron que la multipolaridad territorial generó nuevas trayectorias quilombolas y este proceso se fundamenta en la articulación entre los núcleos familiares que luchan por el derecho a la tierra.

PALABRAS CLAVE: comunidad quilombola, ribeirinhos, multipolaridad territorial, Pantanal Sul-Mato-Grossense

Artigo recebido em abril de 2022. Aprovado em dezembro de 2022.